

Pagu e Parque industrial

Pagu and Parque Industrial

Autoria: Walnice Nogueira Galvão

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6873910101919463>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212777>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212777>

Recebido em: 03/06/2023. Aprovado em: 14/06/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

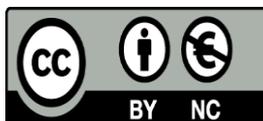
Contato: opiniaes@usp.br

[fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes) [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

GALVÃO, Walnice Nogueira. Pagu e *Parque industrial*. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 173-185, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212777>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212777>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

pagu e *parque industrial*

Pagu and *Parque Industrial*

Walnice Nogueira Galvão¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212777>

¹ Walnice Nogueira Galvão é professora emérita aposentada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). Possui graduação em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP), com doutorado e livre-docência no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Seu campo de pesquisa concentra-se em Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Crítica da Literatura e da Cultura. Tem 40 livros publicados. Foi docente em diversas universidades no Exterior. Escreve assiduamente para jornais e revistas. E-mail: wngalvao@uol.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6873910101919463>.

Resumo

Trata-se de um panorama da trajetória político-literária de Patrícia Rehder Galvão, conhecida como Pagu, e de uma apresentação de seu romance *Parque industrial*, publicado em 1933 sob o pseudônimo de Mara Lobo, um dos nossos mais importantes romances proletários. A autora procura ainda mostrar as facetas comunista, modernista e jornalística de Pagu que ainda são pouco conhecidas e dignas de pesquisa e reconhecimento.

Palavras-chave

Pagu. Parque industrial. Romance proletário. Modernismo brasileiro.

Abstract

This is an overview of the literary and political career of Patrícia Rehder Galvão, known as Pagu, and a presentation of her novel *Parque industrial*, published in 1933 under the pseudonym Mara Lobo, one of our most important proletarian novels. The author also tries to show the communist, modernist, and journalistic facets of Pagu that are still little known and worthy of research and recognition.

Keywords

Pagu. Parque Industrial. Proletarian Novel. Brazilian Modernism.

Quem gosta de livros e de Pagu sente-se recompensado ao compulsar uma recente edição de *Parque industrial*,² dada à luz pela Linha a Linha, de São Paulo. A apresentação expõe as razões de suas duas editoras, Marília Moschkovich e Maria do Carmo F. Branco, justificando a escolha desta obra para reedição comemorativa de seu 85º. aniversário.

Para começar, agrada ao leitor o extremo cuidado gráfico. A capa escarlate corresponde bem ao conteúdo do livro, e copia exatamente a capa da edição original de 1933, com exceção da cor, que nela era neutra, em branco e preto. Acrescenta-se agora abaixo do título nesta nova edição o subtítulo, sem disfarces: “Romance proletário”. A capa original aqui reproduzida, da autoria do grande gravador Lívio Abramo, que além de ser artista de renome comungava das opções políticas de Pagu, é bem modernista, com linhas diagonais agressivas que se recortam e se contrapõem. É curioso que a gravura não só faça visualmente a súmula de uma fábrica, como ainda, em toda a sua economia, consiga sugerir o universo concentracionário que ela constitui. Esse universo é tornado verbalmente presente desde a quarta capa, que traz citação formular e bem vanguardista de Pagu: “Na grande penitenciária social os teares se elevam e marcham esgoelando”. Miguel Estêvão assina o projeto gráfico e a diagramação.

As editoras tiveram o cuidado de incluir, além do prefácio de Augusto de Campos, “descobridor” de Pagu, dois trabalhos de mãos estrangeiras, porém especialistas: um do crítico norte-americano, K. David Jackson, intitulado “A dialética negativa de *Parque industrial*”, que serviu de apresentação à tradução para o inglês por ele assinada, e outro pelo francês Antoine Chareyre: “Uma excelente estreia – a chegada do romance proletário ao Brasil”. Este último é também o tradutor da versão francesa, e suas notas, instrutivas e esclarecedoras, são aproveitadas na presente edição. O fato de incluir esses dois tradutores/críticos dá outro alcance à obra de Pagu, agora acessível em duas outras línguas de cultura de primeira importância, ampliando sua repercussão mais do que merecida.

parque industrial na vida e na obra de pagu

A renovação do interesse por esta grande libertária data de poucos anos, quando começaram a ser publicados vários de seus inéditos. Após o livro seminal de Augusto de Campos, *Pagu Vida-Obra*, em 1982,³ foram vindo à luz as memórias incompletas; o álbum de 1929; os croquis; os contos policiais estampados em 1944 na revista *Detetive*, dirigida por Nelson Rodrigues; e a edição fac-similar de *O homem do povo*, jornal que produziu junto com Oswald de Andrade. Uma tardia e crescente popularidade acarretou estudos críticos, reedições, fundação de centros culturais e de pesquisa, filmes de ficção, documentários, espetáculos teatrais, programas de televisão, nomes de revistas e de escolas, canções, enredos de desfile de carnaval, uma exposição mais do que completa no Museu Lasar Segall e muitos eventos mais. Entre outras instâncias, a Universidade Estadual de Campinas abriu um centro de pesquisa sobre gênero que leva seu nome; e edita a revista *Cadernos Pagu*.

² Mara Lobo (Pagu), *Parque industrial – romance proletário*. São Paulo: Linha a Linha, 2018.

³ Augusto de Campos, *Pagu Vida-Obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Textos seus figuram numa antologia do marxismo na América Latina, ao lado de Mariátegui, Luís Carlos Prestes, Fidel Castro, Che Guevara, Marighella e o subcomandante Marcos do Exército Zapatista. E é verbete, entre outros ícones das lutas sociais, como Caio Prado Jr. e João Pedro Stédile, num *Diccionario de la Izquierda Latinoamericana*,⁴ em preparo pelos argentinos.

Seus dois filhos contribuíram para o resgate, editando textos, publicando inéditos, instalando um site. Um deles, Geraldo Galvão Ferraz, em parceria com Lucia M. Teixeira Furlani, uma entusiasta de Pagu, com tese de doutoramento e livro sobre ela, organizou o site <http://www.pagu.com.br>. O outro, Rudá de Andrade, codirigiu um filme, o documentário *Pagu – livre na imaginação, no espaço e no tempo* (2001). Seu neto Rudá K. de Andrade, filho, como o nome indica, de Rudá de Andrade, fala da extraordinária trajetória da avó em livro recente, intitulado *A arte de devorar o mundo – Aventuras gastronômicas de Oswald de Andrade* (2021).⁵ O avô, um gourmet cujo paladar fora refinado em Paris, onde aprendera mais coisas afora vanguardismo, apreciava a mesa farta. O livro, trazendo fotos de iguarias e fornecendo receitas, vem acrescentar um aspecto até agora pouco explorado dos modernistas.

O autor chama-se Rudá tal como seu pai, só que o onomástico completo do pai é Rudá Poronominare Galvão de Andrade. Como é sabido, foi Oswald quem escolheu os dois prenomes indígenas.

É fácil confundir filho e neto, dado que ambos são xarás, portando o mesmo e raro prenome de Rudá. Detratores contemporâneos de Oswald disseminaram a vilania de que ele era tão desvairado que tinha dado ao filho o nome de “Lança-Perfume Rodo Metálico” – a marca mais popular nos carnavais da época, quando se cheirava éter à vontade, como se lê nos poemas de Manuel Bandeira. A vantagem do Rodo Metálico era a bisnaga blindada, como o nome indica, enquanto as outras eram de vidro e estilhaçavam nas estrepolias da farra. Mas a calúnia é repetida até hoje.

Sabe-se que os modernistas prezavam a convivialidade e, afora as residências uns dos outros, frequentavam os salões de seus mecenas, que recebiam em dia marcado. A casa de Paulo Prado à Av. Higienópolis abria-se para o almoço aos domingos. O Pavilhão Moderno, de Olívia Guedes Penteado à rua Duque de Caxias com Conselheiro Nébias, nos jardins de sua casa edificada por Ramos de Azevedo, “tinha seu dia”, como dizia Proust, às terças-feiras. E na rua Domingos de Morais, a Vila Kyrial de Freitas Valle misturava passadistas e modernistas, enquanto promovia conferências e tertúlias.

Paulista do interior, Pagu foi criada na capital. Em 1929 formou-se pela Escola Normal da Praça da República, diploma que habilitava ao ensino de crianças, no primário. Fenômeno então recente no panorama brasileiro, a “normalista” abria a perspectiva da emancipação feminina através do trabalho. As moças acorreram em peso, ganhando aura de costumes menos engessados e maneiras não tão espartilhadas. A proibição estatutária de casar antes da obtenção do diploma acirrava as fantasias e inspirava a música popular.⁶ Seu uniforme azul-marinho e branco alegrava a paisagem urbana do centro. As obras dos

⁴ *Diccionario de la Izquierda Latinoamericana*. Buenos Aires: Planeta (no prelo).

⁵ Rudá K. de Andrade, *A arte de devorar o mundo – Aventuras gastronômicas de Oswald de Andrade* (2021).

⁶ *Normalista*, samba de Benedito Lacerda e David Nasser, gravação de Nelson Gonçalves.

modernistas, sobretudo os de São Paulo, estão cheias de alusões a elas. O tema já rendera um romance naturalista que beirava o sensacionalismo: *A normalista* (1893), de Adolfo Caminha. Tal como na literatura, a pecha de independentes e transgressoras aplicadas a essas jovens aparece no carnaval, na música popular, no teatro de revista, na charge e na caricatura.

Pagu foi apresentada por Raul Bopp a Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, figuras de proa do Modernismo e seu casal mais ilustre. Pagu abala o cenáculo modernista com sua formosura juvenil, charme e comportamento inconvençional. A exuberância da cabeleira, a boca polpuda, os olhos derramados – do célebre poema que lhe dedicou Raul Bopp, de que vai aqui uma amostra – comprováveis em fotos e desenhos, tornaram-se sua marca registrada:

Pagu tem uns olhos moles
Uns olhos de fazer doer.
[...]
Passa e me puxa com os olhos
provocantísimamente.
Mexe-mexe bamboleia
pra mexer com toda a gente.

Em 1929, Pagu e Oswald de Andrade passam a viver juntos. Dessa união, com cinco anos de duração, resultaria o filho Rudá de Andrade. Pagu participaria intensamente da fase antropofágica do Modernismo e forneceria dois desenhos à *Revista de Antropofagia*.

A crise econômica de 1929 abre passo a uma reconfiguração de forças, com radicalização dos intelectuais, à direita e à esquerda. Encerra-se a década de eclosão e fastígio do Modernismo, baseada numa feliz fusão de vanguardistas com mecenas cafeicultores. Nesse processo, Oswald e Patrícia filiam-se ao Partido Comunista em 1930 e tornam-se ativistas da revolução.

No mesmo ano, Pagu faz uma rápida viagem a Buenos Aires, no intuito de procurar Luís Carlos Prestes, que ali vivia em exílio; mas só o encontraria mais tarde em Montevideu. No navio, travou amizade com Zorrilla de San Martín. Fez contatos na área literária com o cenáculo da revista *Sur*: Jorge Luis Borges, Victoria Ocampo, Eduardo Mallea.

O novo casal funda em 1931 o tabloide *O homem do povo*, que durou apenas 8 números. Hostilizado pelos estudantes da vizinha Faculdade de Direito, que invadiram a redação e tentaram empastelá-lo, acabou proibido por ordem policial. Pagu escrevia a coluna “A mulher do povo”, de tom panfletário, em que fustigava a burguesia e as instituições, reservando virulência maior para as grã-finas e outras mulheres ociosas. Criou uma história em quadrinhos cuja protagonista era uma garota revolucionária chamada Kabeluda.

Sua primeira prisão se deu em 1931 em Santos, maior porto do Brasil e escoadouro de sua riqueza principal de então, o café. Trabalhando como operária, participou de uma greve de estivadores e foi presa quando acudia um manifestante baleado.

Em 1933 publica o romance de que aqui nos ocupamos: *Parque industrial – romance proletário*, sob o pseudônimo de Mara Lobo. Exemplo da estética modernista, o texto é disposto em blocos de escrita, com flashes e

flagrantes de extremada síntese, linguagem quase telegráfica e de impacto, utilização entremeada do coloquial. Seu cenário é o Brás, em São Paulo, bairro operário e reduto da imigração italiana. Pagu aproveita a experiência de sua própria proletarização: na literatura brasileira nada há de similar em seu ativismo feminista e comunista. O trecho cuida de trabalhadoras pobres, que se deixam seduzir pela sereia dos donjuans ricos, circulando por ali em seus enormes carros de luxo, e que acabarão degradadas em prostitutas.

Logo encetaria seu grande périplo (1933-1934), que se tornaria lendário na tradição oral, até que fossem publicadas suas memórias (parciais) em 2005. Visitaria Estados Unidos, Japão, China, de onde teria trazido as primeiras sementes de soja, conforme testemunha Raul Bopp em *Pagu – Vida-Obra*, Manchúria e Rússia. Depois iria para a Europa, de onde seria repatriada. No itinerário, contatos com Freud, o último imperador chinês Pu Yi, os surrealistas franceses.

Novamente presa na repressão que se seguiu ao Levante Comunista de 1935, ao ser libertada cinco anos depois estava exaurida e pesava 44 quilos. Rompe com o Partido. Desse mesmo ano data sua união com Geraldo Ferraz, escritor e jornalista, com quem viveria até o fim de seus dias. Da união nasceria outro filho, Geraldo Galvão Ferraz, em 1941.

Mais um livro, *A famosa revista*, escrito a quatro mãos com Geraldo Ferraz, seria publicado em 1945. Já mais distante da estética modernista, abandona o fragmento em prol do discurso contínuo, mantendo todavia uma linguagem inovadora e incisiva, demolidora de lugares-comuns. Sátira ao Partido Comunista, denuncia seus vícios, como o autoritarismo, a burocracia, e mais o pretexto da clandestinidade que acoberta personalismo, desonestidade e manipulação alheia.

Retoma em 1942, para não mais abandoná-lo, o jornalismo, seu ganha-pão e canal de expressão. Começa a trabalhar na agência de notícias France-Presse em 1945, ali permanecendo por um decênio, e entra para o corpo de redação da *Vanguarda socialista*, fundada por Mário Pedrosa, que congregaria a nata da intelectualidade de esquerda anti-stalinista.

Pagu transfere-se com seus ideais utópicos para o pequeno Partido Socialista, pelo qual foi candidata a deputada estadual em 1950. Na campanha, publica o panfleto *Verdade e liberdade*, expondo os motivos que a levaram a romper com o Partido Comunista, já criticado em craveira ficcional em *A famosa revista*.

A partir daí escreveria em vários jornais da grande imprensa e acabaria por fixar residência em Santos, onde viveria até a morte. Acompanha a cena cultural, frequentando exposições, teatros, concertos, lendo livros novos e velhos, água para o moinho de seus escritos. Produziria crônicas, poemas, crítica literária, traduções de fragmentos, comentários de artes plásticas e de teatro, artigos de política nacional e internacional. Permaneceria inconformista e fiel às vanguardas, exigente, sarcástica, adepta de fórmulas fulminantes. Como se não bastasse, sempre insubmissa na defesa dos avanços modernistas e contestatária na denúncia dos retrocessos, fossem estéticos, políticos ou comportamentais. Um exemplário de autores e obras abordados revela preferência por poetas e dramaturgos – mas invariavelmente pouco convencionais: Arrabal, Ionesco, *Ubu Rei* de Alfred Jarry, Brecht, *Lolita* de Nabokov, de quem faz a defesa, Valéry, André Breton, Philippe

Soupault, Octavio Paz, Saint-John Perse, Dylan Thomas, Artaud, Dürrenmatt, Ghelderöde, Ibsen, Fernando Pessoa, a Ópera de Pequim, a estreia brasileira de *A sagração da primavera*, de Stravinski. Escreve sobre música de vanguarda nacional e estrangeira. Amplia a gama de assuntos ao passar a registrar notas sobre televisão. Funda a Associação de Jornalistas Profissionais de Santos.

Passada a fase modernista e militante, após muitas prisões e experiência tanto de proletarização quanto de clandestinidade, a autora comunista e feminista do romance *Parque industrial*, como vimos, romperia as amarras partidárias. Entretanto, espírito libertário, continuaria a empunhar a bandeira do Modernismo e a investir contra tudo que fosse retrógrado, na arte ou na vida.

Defendeu sistematicamente as vanguardas e a experimentação artística, consagrando sua pena à propaganda das principais figuras e dando destaque dentre todas a Fernando Pessoa. Embora seja pouco citada, Pagu divulgou-o incansavelmente desde um primeiro artigo no *Fanfulla*, em 1950.

O recente resgate de sua produção jornalística por K. David Jackson, como adiante se verá, veio enfatizar o papel de liderança que teve na recepção crítica do poeta. De sua pena saíram, vinculados a Pessoa, reportagens, crônicas, análises críticas, resenhas de livros, artigos, incluindo um testemunho do “Recital Fernando Pessoa” na voz de Os Jograis, em 1955, a que assistiu pessoalmente. Para aquilatar a relevância de suas escolhas: comentou, cada qual a seu tempo, os *Estudos sobre Fernando Pessoa* de Casais Monteiro (1958), a *Obra poética* da Aguilar e a antologia de João Gaspar Simões publicada no Brasil (1961). Atenta ao plano internacional, anotou em 1960 a inclusão de Pessoa na série *Poètes d'aujourd'hui* da Editora Seghers, em tradução de Armand Guibert que incluiu a “Ode marítima”.

E fundaria em Santos, cidade na qual residiria pelo resto da vida e onde seria agitadora cultural de primeira plana, o Centro de Estudos Fernando Pessoa (1955). Sua amizade com o grande crítico pessoano Casais Monteiro – destinatário da célebre “Carta dos heterônimos” – quando em fase brasileira, garantiria a comunhão no culto ao poeta. Casais Monteiro assinaria o prefácio à segunda edição de *Doramundo* (1959), romance de Pagu em parceria com Geraldo Ferraz.

Seu apego ao teatro, que daria a tônica nesses anos, eclodiria em 1952, quando frequenta a Escola de Arte Dramática de São Paulo, na qual apresenta tradução e estudo de *A cantora careca*, de Ionesco. Batalhadora sem esmorecimento, assume a coordenação do Teatro Universitário Santista (1956) e a presidência da União dos Teatros Amadores da cidade (1961). A partir de 1957 mantém a coluna “Palcos e atores”, em *A Tribuna*, jornal local. Combativa, sua coluna seria uma trincheira na luta sem descanso pela dramaturgia experimental e pela liberdade de criação. Dirige a encenação da peça *Fando e Lis*, de Arrabal, que recebeu vários prêmios. Mais tarde, encenaria também *A filha de Rapaccini*, de Octavio Paz.

Após seu falecimento em 1962, a cidade onde se fixou e tanto labutou na última fase de vida fez-lhe uma justa homenagem, ao consagrar e batizar a Casa de Cultura Patrícia Galvão, da prefeitura de Santos.

Essa última fase de militância jornalística profissional e assídua infelizmente ainda é pouco conhecida, embora já tenha sido objeto de rigoroso levantamento. Só aí poderíamos pensar numa verdadeira biografia dessa grande

mulher. Mas quem sabe já está à vista essa venturosa possibilidade, pois o trabalho do supracitado especialista em Modernismo brasileiro e professor da Universidade de Yale, K. David Jackson, já se encontra em fase de edição na Edusp. Trata-se de um trabalho monumental, em 4 volumes, trazendo todo o jornalismo de Pagu. O abundante material se distribui desta maneira pelos 4 volumes, conforme critério temático, verificável nos títulos elucidativos que lhes atribuiu o organizador: Vol. 1 – *O jornalismo de Patrícia Galvão. A denunciada denuncia: Pagu e a política (1931-1954)*. Vol. II – *Da necessidade da literatura (De Arte & Literatura / Lições de Literatura)*. Vol. III – *Palcos e Atores: Teatro mundial contemporâneo*. Vol. 4 – *Antologia da literatura estrangeira: Os grandes autores mundiais*.

Devemos ao mesmo especialista dois trabalhos já publicados, a saber: “A denunciada denuncia – Pagu and politics, 1931-1954”, in *Literature and Arts of the Americas*. Issue 73, v. 39, n. 2, 2006, pp. 228-235; e “Uma evolução subterrânea: o jornalismo de Patrícia Galvão”, in *Revista IEB*, São Paulo: n. 53, mar.-set. 2011, pp. 31-32. De sua autoria é ainda um valioso estudo que acompanha a nova edição de *Parque industrial*, intitulado: “A dialética negativa de *Parque industrial*”. Ninguém mais autorizado do que ele para falar disso, já que se trata do tradutor desse romance para o inglês, como vimos.

desdobramentos

Em 2009, Pagu ganharia merecida exposição, na qual apareceu ladeada por duas figuras decisivas de seu convívio, donde o título: *Pagu, Oswald, Segall*. A mostra deve-se a Gênese Andrade na curadoria e Jorge Schwarz na direção do Museu Lasar Segall. Ambos, curadora e diretor, são críticos literários especialistas em Modernismo. Constou de 60 obras, entre pinturas, desenhos, documentos, fotografias e iconografia em geral, incluindo peças de Portinari, Di Cavalcanti, e do próprio epônimo da casa.

Ampliando o contexto, e imprimindo inédita inflexão ao ângulo de abordagem, agora influenciado pelo novo movimento feminista, que tem elevado Pagu ao posto de precursora, de ícone no comportamento acima do convencional, muito avante de seu tempo, têm surgido fecundas análises. A tendência é corroborada pelo novíssimo livro de Ana Paula Cavalcanti Simioni, *Mulheres modernistas – Estratégias de consagração na arte brasileira*.⁷ Argumentando que a proeminência de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral é rara, em meio à hegemonia masculina entre os vanguardistas, vai estudar os motivos das exceções. Mais uma guinada rumo às mulheres, e da autoria de uma mulher.

Se um aumento da popularidade levou Pagu a enredos de escola de samba, por outro lado levou-a também à televisão. Já aparecera, anos atrás, numa minissérie sobre o Modernismo, intitulada *Um só coração*. Agora apareceu muito mais, devido às comemorações do Centenário da Semana de 22. Embora demasiado jovem para participar dela, Pagu já entraria em cena a todo vapor na Antropofagia, inclusive em sua revista. Entre suas novas aparições, destaca-se um

⁷ Ana Paula Cavalcanti Simioni, *Mulheres modernistas – Estratégias de consagração na arte brasileira*. São Paulo: Edusp, 2022.

curta-metragem para TV, intitulado *Pagu musa-medusa*, episódio da minissérie *República da Poesia*, com 45 minutos.⁸

Em depoimento especial para este filme, Sérgio Mamberti, grande homem de teatro, conta que tinha 14 anos quando conheceu Pagu em Santos, cidade onde ela viveria sua última fase. Tornaram-se amigos e passaram a trabalhar juntos, ela um modelo de atuação engajada. Fundaria, como vimos, o Teatro Universitário de Santos, o Centro de Estudos Fernando Pessoa e a Associação dos Jornalistas Profissionais de Santos – entre outras proezas. Abriu espaço e estimulou gente que vinha do cais do porto, como Plínio Marcos, futuro dramaturgo de primeira linha. Cultíssima e conferindo alto valor à cultura, Mamberti a considera um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX.

Outro depoimento decisivo é o de José Celso Martinez Correa, do Teatro Oficina, em recorte de material de arquivo. Ao fim de um de seus grandiosos espetáculos antropofagistas, uma desconhecida impulsiva avança e o envolve num longo abraço de agradecimento. Ele, que ainda não fora apresentado a Pagu, ficou siderado. Desde então, acha que ela lhe transferiu algo, que era uma xamã ou coisa parecida e lhe passou uma virtude ou poder.

O curta traz ainda fotos inéditas, muitas, e cartas manuscritas falando dos filhos, já mencionados, Rudá de Andrade do primeiro casamento e Geraldo Galvão Ferraz, o Kiko, do segundo. Ambos têm trabalhos sobre a mãe: como vimos, Rudá codirigiu um documentário e Geraldo foi coautor de uma fotobiografia. O episódio não poupa merecidos louvores a Geraldo Ferraz, seu devotado marido até o fim.

Ouvem-se especialistas como Thelma Guedes, autora de *Pagu – Literatura e revolução*. Quem mais? Ainda há uma entrevista com o neto, Rudá K. Andrade, filho de Rudá, autor supracitado de *A arte de devorar o mundo*,⁹ que fala da vida fora de série da avó.

relançamento de um clássico

Como ninguém ignora, devemos ao conhecido poeta concreto Augusto de Campos a “descoberta” de Pagu. Tão cedo quanto os anos 70 já divulgava sua obra e seus traços biográficos, sempre manifestando admiração, entregando-se a uma pesquisa aprofundada. É de 1982 seu livro a respeito,¹⁰ trazendo achados, estudos e uma antologia. Em mapeamento inédito, nem precisa dizer que o âmbito de sua pesquisa e as áreas que perquiriu foram por ele fixados nesse trabalho e são até hoje imbatíveis.

Passado perto de meio século, o poeta brinda-nos com uma nova edição,¹¹ que se pode com justiça chamar de definitiva. Esta edição é revista e ampliada, tem ao todo 472 páginas, trazendo farta iconografia e novos textos. Materialmente, é um belo livro, mostrando-se condigno de seu autor e de seu objeto de estudo.

⁸ *Pagu musa-medusa*, roteiro e produção de Yara Amorim, direção de Claudia Priscila e Mariana Lacerda. Canal Curta!, 2022.

⁹ Cf. nota 2.

¹⁰ Augusto de Campos, *Pagu – Vida-Obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

¹¹ Augusto de Campos, *Pagu – Vida-Obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

O volume vem enriquecido por alguns acréscimos úteis, como um Índice Remissivo, mas dos quais o mais notável está nos “Cinco flashes de Pagu”, que eram três anteriormente. Incluem agora uma entrevista do organizador e texto seu sobre *O homem do povo*, experiência de tabloide político provocador que culminaria em empastelamento. E um decisivo estudo introdutório intitulado “Re-Pagu” dá conta do que se passou entre as duas edições.

A antologia contempla os livros, os pseudônimos mais importantes e as colunas periodísticas, constituindo-se numa amostra rica e fidedigna.

A respeito de Pagu, por outros autores, o organizador garimpou preciosidades, que aparecem já na primeira edição nas seções “Testemunhos” e “Resenhas críticas”. Pode-se aquilatar o valor de depoimentos de pessoas que privaram de sua intimidade e de seus feitos, como a irmã Sidéria. Alguns se destacam, como o lamento de Carlos Drummond de Andrade por seu falecimento. Ou a vinheta em que o diplomata Raul Bopp relata a saga rocambolesca do contrabando de sementes de soja, conseguidas pessoalmente do próprio imperador Pu-Yi por Pagu e por ela trazidas ao Brasil a pedido do diplomata, violando a proibição do governo chinês.

o romance

O livro de Pagu, clássico do “romance proletário” assinado pelo pseudônimo Mara Lobo, recebe reedição impecável, que honra a autora e a obra. Abre-o, *noblesse oblige*, um prefácio de Augusto de Campos, que redescobriu Pagu nos anos 70-80. Até então, tinha-se vaga noção de uma Pagu associada tanto aos fastos modernistas quanto à saga da esquerda.

A diagramação manteve a distribuição em blocos, acentuando a concepção da narrativa fragmentada, em instantâneos ou flagrantes que se dispõem por curtos e incisivos capítulos. A prosa, entre expressionista e cubista, certamente é de vanguarda. Visa à síntese, apoiando-se sobre elipses e cortes súbitos, acentuando a velocidade do discurso que não perde tempo em explicações ou transições. Um pouco tendendo ao que então se chamava “prosa telegráfica”.

A narrativa – que se passa no Brás, à época reduto operário de imigrantes italianos em São Paulo –, ao encaminhar-se num crescendo para a eclosão de uma greve, traz uma evidência logo de saída: trata-se de um romance de mulheres. São moças de vários tipos e instâncias da vida social, embora unidas pela classe: pertencem todas ao proletariado. Há poucas exceções, como aquela que subiu na vida casando-se com um homem de posses; ou outra que chegou aos abismos da prostituição mais desamparada, por ter perdido o emprego e não ter saúde para enfrentar a extenuante jornada de trabalho. No mais, são operárias mais politizadas ou mais alienadas, mais decididas a enfrentar as agruras da vida ou mais desesperadas. O dia a dia das jovens trabalhadoras é mostrado em suas facetas de tarefas, vida social, amores, militância. A imersão de Pagu em sua própria proletarização e trabalho na fábrica é húmus para a elaboração ficcional. Seu ativismo é ponto de partida, e mais anos de cárcere ainda viriam.

Mostra também o assédio que as operárias sofrem dos rapazes de automóvel, para quem são mercadoria de carne, aliás descartável. Nem noivas nem prostitutas, não são elegíveis para casamento nem exigem pagamento –

portanto são altamente convenientes, até por saírem barato. Nesse mesmo ano de 1933 Noel Rosa compôs o samba “Três apitos”, em que – coisa rara tanto na literatura quanto na música popular – fala das operárias de fábrica e desse assédio, só que mediante idealização benigna e sentimental, nada predadora, do dono do automóvel.

É de autoria de Pagu nosso mais importante romance proletário, e a seu lado quase todos os demais dessa voga – ressalvadas honrosas exceções – conservadores e ortodoxos, nada vanguardistas, empalidecem. Seu romance, comunista, feminista e modernista ao mesmo tempo, ergue-se ímpar na literatura brasileira.

uma canção

A popularidade sempre em expansão de Pagu conduziu-a à esfera pop, entronização sacramentada não só por enredos de escola de samba, mas também pelos empolgantes acordes de *Pagu*,¹² de Rita Lee e Zélia Duncan, várias vezes regravada tanto pelas autoras como por outras intérpretes. Isso é que é homenagem. Aqui vai a transcrição da letra:

PAGU

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão

Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas a minha cobra
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta

Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem

Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada no palanque
Fama de porra louca, tudo bem
Minha mãe é Maria ninguém

Não sou atriz, modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima

¹² Rita Lee e Zélia Duncan, *Pagu*, Álbum 3001 (2000).

referências bibliográficas

ANDRADE, Rudá K. de. *A arte de devorar o mundo: aventuras gastronômicas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Ed. do Autor, 2021.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu Vida-Obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu Vida-Obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOBO, Mara (Pagu). *Parque industrial – romance proletário*. São Paulo: Linha a Linha, 2018.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Mulheres modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira*. São Paulo: Edusp, 2022.

referências fonográficas e audiovisuais

LACERDA, Mariana (dir.); PRISCILA, Cláudia (dir.). *Pagu musa-medusa*. Pacto audiovisual e Canal Curta!: 2018. Filme (45min).

LACERDA, Benedito; NASSER, David. “Normalista”. Gravação de Nelson Gonçalves. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8wSJjvwuq8>. Acesso em 03 jun. 2023.

LEE, Rita; DUNCAN, Zélia. “Pagu”. In: *3001*. Universal Music: 2000. CD (50min10).